

Quarto de Manu: A Representação da Mulher Negra Brasileira em Conteúdo Audiovisual Direcionado para o Público Infantil¹

Fabíola LIMA²

Julia de OLIVEIRA³

Universidade de Santo Amaro, SP

RESUMO

Quarto de Manu é um programa audiovisual para plataforma digital com conteúdo direcionado para o público de sete a onze anos, que relate narrativas de mulheres negras brasileiras, cujas atuações são relevantes para a história, mas, invisibilizadas pelos meios de comunicação de massa e diferentes setores sociais. A problemática em questão é: como produzir um programa audiovisual sobre mulheres negras que auxilie na construção de identidade das crianças negras e na construção de crianças sensíveis à diversidade? Este trabalho tem por objetivo colaborar na desconstrução do racismo e na construção da aceitação individual de cada criança, de modo que contribua para a inserção da mulher negra nos conteúdos audiovisuais brasileiros, ampliando as perspectivas a respeito da figura da mulher como agente da sociedade. Utiliza-se a metodologia de pesquisa bibliográfica, com a finalidade de identificar os parâmetros em que a figura da mulher negra brasileira é apresentada no processo de constituição e desenvolvimento da nação brasileira, principalmente através das ferramentas de comunicação. Os resultados da pesquisa mostraram que a mídia também tem papel fundamental na construção da identidade da criança, e que as histórias das heroínas negras são agregadoras e construtivas para a formação de crianças que respeitem às diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: Representatividade. Mulher. Racismo. Criança. Audiovisual.

TEXTO DO TRABALHO

O racismo é algo que está inserido em nossa sociedade, e começa na infância, quando somos influenciados por nossos pais, nossos professores e pela mídia. Constantemente, podemos perceber o preconceito contra os negros e seus descendentes, valores e manifestações culturais e religiosas, concretizado em conteúdos diversos, veiculados nas mídias brasileiras que comprovam o racismo entre os brasileiros. A

¹ Trabalho apresentado na IJ04 - Comunicação Audiovisual do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social da UNISA, e-mail: fabisali1406@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UNISA, e-mail: julialuciaoliveira@gmail.com

discussão sobre o racismo, na sua maioria, aparenta uma generalização incluindo homens e mulheres. No entanto, as mulheres negras não possuem a devida visibilidade, pois são drasticamente menos retratadas nas histórias literárias, além do fato de que seus trabalhos são invisibilizados pela literatura nacional. Reafirmando esta invisibilidade presente na literatura, Regina Dalcastagnè (2005), em pesquisa desenvolvida de 1990 a 2004, e atualizada em 2014, afirma que 60% dos personagens da literatura nacional são homens e, destes, somente 20% são negros. Segundo a escritora e professora Grada Kilomba (2010), do Departamento de Estudos de Gênero em Humboldt Universität, em Berlim, a mulher negra é o “Outro do Outro”, e usa essa expressão ao explicar que, quando falam sobre racismo, o assunto é o homem negro, e ao falarem sobre feminismo, o assunto é a mulher branca, como se a mulher negra ocupasse um terceiro espaço não colocado em pauta. Diante desse cenário, o racismo tende a ser internalizado no imaginário das crianças através da falta de representação de negros nos conteúdos didáticos e na mídia, contribuindo para que a atuação e o protagonismo de mulheres negras sejam silenciadas e suas muitas histórias como agentes sejam invisibilizadas. Em relação à importância de visibilidade de mulheres negras na história mundial, a pesquisadora e filósofa Djamila Ribeiro (2017) diz que:

[...] seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a ressignificação das identidades, sejam de raça, gênero, classe para que pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica. (RIBEIRO, 2017, p. 43).

Do processo de imersão em busca de autores, pensadores, coletivos que discutem o contexto e as particularidades do racismo no Brasil e diante da constatação da influência e presença da mídia no cotidiano das crianças, é que surge o produto transmidiático “Quarto de Manu”, que se constitui como um programa audiovisual dedicado ao público infantil que conta narrativas e trajetórias de mulheres negras de grande relevância para a história brasileira. Entendemos que não é possível assumir o lugar de fala de outro, no entanto, com empatia e sem a pretensão de assumir a voz, nosso objetivo como comunicadores foi contribuir para que a diversidade e a riqueza que nos constitui seja efetivamente composta e seja encorajadora de novas vozes, além de auxiliar no processo de formação de crianças sensíveis às diferenças e que não propaguem o racismo.

MULHER NEGRA NO BRASIL E A REPRESENTAÇÃO NA MÍDIA

Durante o processo de colonização do Brasil, entre os séculos XVI e XIX, chegaram os primeiros jesuítas, que relataram um território brasileiro sensual, carnal e cheio de pecados, construindo assim um imaginário de paraíso natural com mulheres sensuais (GOMES, 2009). O padre Manuel da Nóbrega, líder da primeira missão de Jesus, que chegou ao território brasileiro em 1549, afirmava que os “bestiais costumes” das mulheres que nasceram ou que foram levadas para aquele território no processo forçado de escravização, corrompiam aqueles que participavam da colonização, como portugueses, espanhóis e holandeses. O sociólogo pernambucano Gilberto Freyre afirma que:

Não há escravidão sem depravação sexual. É da essência mesma do regime. Em primeiro lugar, o próprio interesse econômico favorece a depravação criando nos proprietários de homens imoderado desejo de possuir o maior número possível de crias. (FREYRE 2006, p. 399).

É neste contexto que surge um dos mais controversos adjetivos atribuídos à mulher brasileira, a mulata. A figura da mulata se torna símbolo da mistura de raças, destaca a pesquisadora Mariza Corrêa (1996). Em seu texto Sobre a invenção da mulata, a autora mostra que a mulher brasileira começa a ser representada como:

Cheirosa, gostosa, bonita e graciosa, dengosa e sensual, desejável, na primeira metade do século XX e, que a comunicação social de massas, transforma isso como a identidade da nação: [...] na prosa e poesia, no universo do Carnaval (ou do samba), através do rádio, do teatro rebolado e da televisão, a mulata, assim construída como um objeto de desejo tornou-se um símbolo nacional. (CORRÊA, 1996, p. 39-40).

Ainda seguindo as análises e reflexões da autora, mais de quinhentos anos após a violenta imposição do processo de colonização, a mulher negra continua duplamente discriminada. Sendo mulher, é inferiorizada por uma sociedade sexista e, sendo negra, por uma sociedade racista:

Forja-se um estereótipo do feminino negro ligado à submissão, à sensualidade, ao perigo e ao prazer, mas um prazer relacionado à pobreza, a miséria e à desordem, atributos que somados ao estereótipo da negatividade dirigida à sua cor de pele tornam-na em um ser duplamente discriminado: por ser mulher e por ser negra. (CORRÊA, 1996, p. 30-35).

É interessante ressaltar que mesmo após vários anos essa imagem historicamente construída permanece quando observamos os índices da violência contra a mulher. Os dados mostram de muitas formas o que a cantora Elza Soares diz na música A Carne, presente no seu álbum Do Coccix Até o Pescoço: “a carne mais barata do mercado é a

carne negra”. (ELZA SOARES, 2002). Como podemos acompanhar, a imagem da mulher negra é carregada de preconceitos que colocam sua vida, dignidade e identidade em risco. Chegando nos tempos atuais, os números só afirmam como essa construção permanece e coloca cada vez mais em risco a vida da mulher negra, com a imagem constantemente ligada ao trabalho doméstico, como procriadora ou a mulher do corpo desfrutável. Segundo o Dossiê Violência Contra as Mulheres de 2016, realizado pelo Instituto Patrícia Galvão⁴, as mulheres negras são a maior parte das vítimas de violência na sociedade brasileira. Elas são 56,8% de vítimas de estupro, 62,2% de vítimas de homicídio, 58,86% das mulheres que sofrem violência doméstica, 65,9% das vítimas de violência obstétrica e, não coincidentemente, 53,6% das mães vítimas de mortalidade materna. Além de também possuírem menor grau de escolaridade e terem o dobro de chances de serem assassinadas. No Mapa da Violência de 2015, elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO - BR), averiguou-se o índice de homicídios de mulheres no Brasil e verificou-se um aumento de 54% no período de dez anos, no número de homicídios de mulheres negras, sendo que, no mesmo período de tempo, a quantidade anual de feminicídio de mulheres brancas caiu 9,8%. Nesse contexto, é possível enxergar como a mulher negra tem sido estigmatizada pela sociedade brasileira. E devido a este motivo, também é necessário compreender como a sua imagem vem sendo representada nas mídias, principalmente audiovisuais, e interpretar em qual contexto a figura da mulher negra se encontra no mercado audiovisual brasileiro, mediante uma sociedade que vive em uma falsa democracia racial que trata os negros de maneiras estereotipadas.

A mulher negra é predominantemente representada na produção simbólica em papéis como domésticas ou mulatas do samba, sendo assim, podendo influenciar a percepção do jovem negro e da criança que está em fase de formação da identidade, podendo influenciar na sua forma de se colocar e de se enxergar na sociedade. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD) de 2016 mostra que, o número de pessoas que se autodeclararam pretas aumentou 14,9% no Brasil. Ainda de acordo com os dados, em 2016 a população brasileira saltou para 205,5 milhões de habitantes, os brancos deixaram de ser a maioria, representando 44,2%. Os pardos se tornaram a maior

⁴ Instituto Patrícia Galvão – Organização social feminista sem fins lucrativos que atua na defesa pelos direitos das mulheres, a visibilidade e o debate público dessas questões na mídia. Desenvolve pesquisas de opinião pública em nível nacional, a produção de campanhas publicitárias contra a violência doméstica, promoção de oficinas de mídia e realização de seminários nacionais. Disponível em: . Acesso em 29 nov. 2018.

parte da população (46,7%) e os pretos são atualmente 8,2% do total de brasileiros. Outra pesquisa, realizada pelo Instituto de Pesquisa de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro em 2017, observou que, entre as novelas produzidas pela Rede Globo de Televisão, maior produtora e exportadora de telenovelas brasileiras, entre os anos de 1995 e 2014, cerca de 100, a média foi de que 90% dos personagens centrais eram brancos. Entre as protagonistas dessas novelas, somente sete, totalizando 4%, eram não-brancas e somente três atrizes representaram essas protagonistas negras ou pardas. E, por fim, foi verificado que não houve nenhum protagonista masculino negro. Ao observarmos as telenovelas infantis do SBT⁵ (Sistema Brasileiro de Televisão), maior produtor brasileiro do conteúdo do gênero em TV aberta, não existe um protagonismo negro, no máximo uma única personagem infantil negra em cada novela. Para justificar esse fato, a escritora Iris Abravanel⁶, roteirista da novela *As Aventuras de Poliana*, 2018, ao ser questionada sobre a importância da representatividade negra em seus produtos, respondeu:

A comunidade afro precisa superar algumas coisas e ir para frente, porque quando nós procuramos atores, não é fácil encontrar ator afro. Nós temos dificuldade de encontrar. Eu acho que eles precisam eles mesmos superar algumas dificuldades e ir para frente, conquistar. Eu fico tão feliz quando eu vejo alguém que consegue ser um advogado, um médico, um ator. Às vezes quando pedimos, não têm muitos não. Então aquilo que nós conseguimos, nós aproveitamos. (informação verbal).

Em uma de suas cenas, a novela *As Aventuras de Poliana* foi muito criticada pela comunidade negra por apresentar a única menina negra do enredo sendo acusada de roubo e, questionando a diretora da escola se a situação só ocorria por causa de sua cor de pele, recebeu como resposta da professora um discurso que dizia que o racismo está na cabeça dos negros, que insistiam em se diferenciarem dos outros, brancos. Tal desabafo da escritora e a cena problemática da novela nos remetem à reflexão do professor e antropólogo Kabengele Munanga (1999), por meio da qual ele aponta a tendência dos mais ricos em forçar uma democracia racial, mantendo a ideia de que a pessoa não branca não sofre nenhum tipo de preconceito, chegando ao ponto de garantir que não existe distinção racial, afirmando que as oportunidades são iguais para todos, forjando assim uma falsa democracia racial.

⁵ Site oficial da emissora de televisão SBT – Sistema Brasileiro de Televisão. Disponível em: Acesso em: 05 jun. 2018.

⁶ Notícias ao Minuto - Íris Abravanel, mulher de Silvio Santos, diz que sofre preconceito por fazer novela. Notícias Ao Minuto, Fama ao Minuto, 08 mai. 2018. Entrevista à Folhapress. Disponível em: Acesso em: 15 mai. 2018.

De acordo com os estudos do sociólogo Stuart Hall (1997), a forma que somos representados constrói a nossa identidade e os valores coletivos. Representação essa que para Hall é:

A categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas [...] como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (HALL, 2005, p.63).

O indivíduo negro é dominado por representações ligadas à estereótipos criados por homens brancos que têm o interesse na separação da sociedade, criando um entendimento distorcido de raça e gênero. Em seus estudos sobre identidade, Hall (1997) cita três concepções de identidade: do sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. No sujeito iluminismo, o indivíduo permanece com a sua identidade intocável, ou seja, sem nenhuma alteração, focando sempre em seu núcleo interior:

O sujeito do Iluminismo era um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior que emergia quando o sujeito nascia” (HALL, 1997, p.10).

Já no sociológico, a identidade é formada na interação com a sociedade, não tendo o núcleo interior autônomo “o eu real dele é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores” (HALL, 1997, p. 11). Diferente do iluminismo, o indivíduo pós-moderno tem a sua identidade alterada conforme o contato externo com outras identidades do mundo cultural. No sujeito pós-moderno, a identidade é formada por diversas identidades e não possui uma identidade fixa, com a tendência a ser aquilo que o outro quer que ele seja, para assim se sentir aceito. Conseguimos compreender que a identidade está sempre em transformação, com o seu sentido sendo alterado muitas vezes pela linguagem, um dos meios, segundo Hall, mais essencial.

Partindo dessa reflexão, Hall também enxerga a representação com um potencial político muito forte que, segundo o pesquisador Arthur Ituassu, fica claro que “não ter voz ou não se ver representado pode significar nada menos que opressão existencial”, (ITUASSU, 2016, p. 13). Hall (1997) segue dando ênfase às práticas de representação que chamamos de estereótipos, usando exemplo da representação do negro em alguns contextos e fazendo diferentes leituras sobre a forma com a qual os negros são representados. Hall mostra que esses significados não são fixos, podendo mudar quando temos outra perspectiva. Para o autor, os estereótipos:

Tomam as características simples, vívidas, memoráveis, fáceis de apreender e amplamente reconhecidas de uma pessoa, reduzem tudo sobre a pessoa a esses traços, exageram e simplificam-nos, e fixam-nos para toda a eternidade sem mudanças ou evolução [...] O estereótipo reduz, essencializa, naturaliza e fixa a diferença [...] o estereótipo tende a ocorrer onde há graves desigualdades de poder. (HALL, 1997, p. 258-259, grifo nosso).

Para que aconteça uma transformação nessa forma de representação, precisamos modificar a imagem negativa e estereotipada do negro, sabendo que segundo Hall (1997), a representação pode ser sempre modificada, podendo alterar essa imagem, dando um novo significado na forma de representar a cultura negra, principalmente na mídia. Portanto, considerando que a identidade é resultado e resultante de um contexto social e seus meios de representação (sejam as tradições orais, as músicas, as mídias eletrônicas de massa como rádio e televisão, ou as digitais), seguimos no destaque da importância da mídia na formação de uma nova representação negra, uma representação que não tire o direito de representar a pluralidade necessária para a construção de qualquer cultura, combatendo essa imagem de sexualidade e inferiorização que dificulta cada vez mais o autorreconhecimento da identidade negra.

A CRIANÇA E O CONSUMO DE CONTEÚDO AUDIOVISUAL DIGITAL

Desde o momento em que o ser humano é gerado no ventre materno ele está suscetível a mudanças, transformações e em constante desenvolvimento. E assim ocorre durante toda a vida, mas é no início dela, ainda na infância, que se deve dar total atenção para o seu desenvolvimento físico, emocional, afetivo e cognitivo. Um dos temas mais estudados pelo psicólogo suíço Jean Piaget é a fase de alfabetização. Sobre esta fase, denominada por Piaget como operatório concreto, o psicólogo explica que:

Em vez das condutas impulsivas da primeira infância, acompanhadas da crença imediata e do egocentrismo intelectual, a criança, a partir de sete ou oito anos, pensa antes de agir, começando, assim, a conquista deste processo difícil que é a reflexão. (PIAGET, 1999, p.42).

No que se refere à infância, pode-se observar o que diz Piaget, com relação ao desenvolvimento infantil:

A idade média de sete anos, que coincide com o começo da escolaridade da criança, propriamente dita, marca uma modificação decisiva no desenvolvimento mental. Em cada um dos aspectos complexos da vida psíquica, quer se trate da inteligência ou da vida

afetiva, das relações sociais ou da atividade propriamente individual, observa-se o aparecimento de formas de organizações novas, que completam as construções esboçadas no decorrer do período precedente, assegurando-lhes um equilíbrio mais estável e que também inauguram uma série ininterrupta de novas construções. (PIAGET, 1999, p. 40).

Em correlação com o pensamento de Piaget, o também psicólogo bielorusso Lev Vygotsky (1994), concluiu que a família tem papel fundamental no processo de aprendizagem da criança. Para ele a principal instituição social para a criança é a família, mas os ambientes sociais e culturais também têm muita influência. Fica evidente a importância da família para este processo de desenvolvimento, já que o próprio autor relata que a criança observa o meio social e cultural em que está inserida e, com base em tudo o que absorve de conhecimentos e experiências, modela seu comportamento e até visão de si mesma. Porém, fica um adendo a respeito do que as crianças vêm consumindo, uma vez que elas são influenciadas pelo comportamento e valores das pessoas que vivem a sua volta, mas também pelas experiências e conhecimentos que têm acesso por meio de diferentes mediadores, em especial, da mídia eletrônica e digital. Considerando que o entorno tem decisivo papel no desenvolvimento da criança e que no contexto contemporâneo, ela está exposta cada vez mais cedo e de forma intensa às mídias eletrônicas e digitais.

A pesquisa TIC Kids Online Brasil, de 2016, divulgada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), apresenta dados bastante preocupantes sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. Por meio da citada pesquisa, observa-se que o maior percentual de tipo de discriminação testemunhada na internet sobre o total de usuários com idades entre nove e dezessete anos, é pela cor ou raça da criança, somando 24%. Em segundo lugar temos pela aparência física, com 16% e também simplesmente por ser mulher ou menina, com 3%. Averiguando a mesma pesquisa, observa-se que os principais assuntos procurados na internet por essas crianças são formas de machucar a si mesmo, experiências com drogas e formas de cometer suicídio. Dados importantíssimos que apontam tópicos ligados diretamente a questões que vão ao encontro com a identidade, como, por exemplo, formas de modificar o corpo/aparência, pois a falta de aceitação pessoal, geradas muitas vezes pela falta de representatividade, tem impacto direto na formação da identidade. Na maior parte das vezes as meninas negras sofrem ainda mais, devido às

discriminações frequentes, levando a buscarem tais informações para tentar se enquadrar em algum grupo, ou até serem aceitas pela sociedade.

Como mencionado anteriormente, as crianças formam sua identidade a partir dos exemplos de pessoas que estão ao seu redor, do mesmo modo que a mídia tem um papel fundamental na construção da identidade das crianças. Por isso, se os conteúdos produzidos pelos diversos atores sociais que circulam através da mídia continuarem com seus estereótipos com relação aos negros, com discursos racistas e preconceituosos, ou então, disseminar cada vez mais ideias machistas e violentas, a tendência é que os pequenos cresçam com pensamentos totalmente retrógrados, desumanos e desrespeitosos. Como diz a autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2015):

Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como monitores da classe, então em algum momento nós todos vamos achar, que inconscientemente, que só um menino pode ser o monitor da classe. Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar normal que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens. (ADICHIE, 2015, p. 16-17).

Sendo assim, programas que tentam romper com estereótipos são de extrema importância para a educação de uma criança, pois somente em contato com conteúdos que não reforcem estereótipos se pode contribuir para a aceitação pessoal e o respeito ao diferente. Por este motivo, em meio a uma sociedade bastante preconceituosa, é evidente que o processo de mudanças de hábitos, maneiras de pensar e até produzir informações é um tanto lento. Seria ilusão dizer que a população brasileira, de um dia para o outro, deixará de ser racista e machista, mas a única e mais saudável alternativa é continuar resistindo e acreditar que gradativamente haverá novas conquistas. A tal passo que, quanto mais as crianças consumirem e até mesmo produzirem e compartilharem conteúdos saudáveis para a sua idade, com propostas humanitárias e que preguem o respeito, maior serão os resultados, afinal, as crianças são como uma planta e devem ser regadas a cada dia para que no futuro surjam os frutos.

Para a sociedade atual conectada à rede, a mídia está cada vez mais presente no cotidiano também das crianças, e estas ficam expostas a conteúdos que podem reforçar o discurso de ódio e racismo, onde as trocas de informações são muito mais instantâneas e volumosas e as relações humanas afetadas constantemente. Além do fato de que muitas pessoas se escondem atrás das redes para ofender e difamar pessoas, ou, ainda,

praticar bullying, racismo e discurso de ódio. E então fica o alerta, já que as crianças na posição de consumidoras das redes digitais ficam suscetíveis a estes ataques. Algo muito grave e que carece de muita atenção. Uma palavra muito importante de Chimamanda Ngozi Adichie é a de que: “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte de nossas culturas, então temos que mudar nossa cultura”. (ADICHI, 2014, p. 48). Por isso, para que a realidade atual mude é preciso novas posturas, atitudes e pensamentos. As mídias por sua vez estão disponíveis para serem utilizadas, mas, tudo depende da forma como estas serão aproveitadas pelos usuários, sobretudo a internet, que é uma plataforma que muitas pessoas têm acesso independentemente da classe social. Portanto, a criança só aprenderá a lidar com o diferente a partir do momento em que ela for educada e instruída a sempre respeitar as pessoas, independente de cor, raça ou religião. E conteúdos audiovisuais que apresentam personagens negros são um diferencial para a afirmação da cultura negra na sociedade. Precisa-se com urgência que as crianças tenham cada vez mais em quem se espelhar e até se inspirar, afinal, a representatividade importa muito e faz total diferença. É justamente por esta razão que o programa “Quarto de Manu” surge como uma proposta agregadora, de pessoas que em algum momento se sentiram motivadas a produzir conteúdo infantil que rompa com pensamentos racistas e preconceituosos.

QUARTO DE MANU

Quarto de Manu é um programa audiovisual infantil, distribuído nas plataformas digitais, que apresenta histórias de mulheres negras brasileiras cuja trajetória teve relevância para os desdobramentos históricos, sociais, políticos da sociedade brasileira. Direcionado ao público de sete a onze anos, cada episódio traz uma heroína negra brasileira, tendo sua história relatada pela apresentadora, Manuela Oliveira, e uma convidada que participa presencialmente com a Manu. Em seu artigo publicado na Carta Capital denominado Estrangeira no seu próprio país²⁴, a filósofa política brasileira Djamila Ribeiro explica a importância de se ter negros sendo retratados no audiovisual brasileiro ao dizer: “Quando ligo a TV e vejo pouquíssimos negros, é como se morasse na Escandinávia. Ser negra brasileira é se sentir estrangeira no próprio país” (RIBEIRO, 2017). Já Chimamanda Ngozi Adichie (2009) explicou, em sua palestra O Perigo da

História Única, o problema de estereotipar histórias, sempre contando-as de uma única forma:

Todas essas histórias fazem de mim quem eu sou. Mas insistir somente nessas histórias negativas é minimizar a minha experiência e esquecer tantas outras histórias que me formaram. A história única cria estereótipos, e o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Fazem com que uma história se torne a única história. (informação verbal).

Os pensamentos de Ribeiro (2017) e Adichie (2009) atuam como faróis para a concepção, criação e distribuição dos conteúdos do “Quarto de Manu”. A apresentadora inicia o episódio no formato de vlog, em sua casa, ligando sua história com a história da personagem. Relata a vida da personagem em primeiro plano seguindo o conceito da jornada do herói, que, segundo Joseph Campbell é apresentado como “o herói composto do monomito é uma personagem dotada de dons excepcionais. Frequentemente honrado pela sociedade em que faz parte, também costuma não receber reconhecimento ou ser objeto de desdém” (2007, p. 41). Ou seja, são personagens que tiveram grandes feitos e, algumas vezes, até são honradas, porém, grande parte das pessoas não conhece suas conquistas ou não as valoriza, muitas vezes esquecendo-as.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da pesquisa e a elaboração do programa “Quarto de Manu” apresentaram a importância de se ter representatividade no audiovisual, principalmente no conteúdo infantil, fase em que a criança desenvolve sua identidade se baseando em suas vivências, incluindo o que consome nas mídias. A presença de mulheres negras no audiovisual possuindo voz para contar histórias com as quais a criança se identifique, ou mesmo só “aparecendo” na tela, faz com que as crianças se enxerguem e cresçam mais fortes, tendo exemplos nos quais elas podem se espelhar, tanto fisicamente quanto em trajetória. Sabendo que a história negra sofreu processo de invisibilização, principalmente as histórias das mulheres, o grupo trabalhou através da empatia para desenvolver um trabalho que construísse pontes para uma sociedade de diversidades e que ressalte as lutas que antes foram ocultadas, sempre levando em conta o seu lugar de fala. Sobretudo, no lugar de fala, é fundamental que todos possam ter voz para falar de seus sentimentos, valores e dores. É fato que historicamente a sociedade relegou às

mulheres o papel de coadjuvante, e, infelizmente, quando estendemos às mulheres negras, essa ferida aumenta exponencialmente. Mas também vale ressaltar que, nesta trajetória, não-negros se uniram contra estas situações. É claro que não é possível sentir a dor do outro e que sempre falaremos do nosso lugar. Porém, este movimento pode ser empático e solidário. Não se trata de ocupar um espaço ou falar por alguém, mas de falar (e isto sim é possível) e de construir com empatia pontes para uma sociedade diversa que enxerga o outro. A intenção desde o início foi e sempre será ser sensível às injustiças e às necessidades e lutas, entendendo que ao contribuir para o conhecimento sobre as mulheres negras estão sendo construídos caminhos possíveis para um contexto mais diverso e menos racista. Talvez, encorajando outras vozes, inclusive de negros e negras, a produzirem e até desconstruírem nossa narrativa. A produção deste trabalho possibilitou a quebra de ideias preconcebidas que até integrantes tinham sobre racismo, cultura negra e o papel de cada um neste cenário, por causa do racismo estrutural presente na sociedade brasileira, aquele passado de geração a geração. O conhecimento adquirido em nossas pesquisas e discussões, fez com que chegássemos a repensar sua identidade, história familiar e vissem com outro olhar o lugar de fala de cada um. Os eventos e palestras que a equipe visitou também foram fundamentais para o processo, tivemos experiências muito ricas e construtivas, mas também algumas não tão boas, a citar uma palestra em que algumas pessoas questionaram o fato de um grupo majoritariamente branco estar produzindo este tipo de conteúdo, as mesmas ainda ressaltaram que estaríamos usando nossa apresentadora como “fantoche” e que não tínhamos o direito de falar sobre este assunto. Algo muito doloroso de ouvir, pois nossa intenção e propósito nunca foram estes. Mas, de certa forma nos abriu os olhos e pudemos entender qual o nosso real papel enquanto comunicadores, e, ainda, perceber que os ataques que sofremos nada mais são do que toda a dor e indignação descontadas em pessoas que apenas queriam contribuir para o respeito às diferenças. Porém, de certa forma o episódio ocorrido colaborou para a nossa trajetória, que por sinal foi construída em meio a muita luta e desafios ao longo do percurso, afinal, enxergamos tudo como aprendizados, por mais que doa, entendemos que as vezes é necessário passarmos por algumas situações para o nosso próprio crescimento tanto pessoal, quanto profissional. De acordo com todas as informações anteriores, percebe-se que o grande problema é o fato de muitos brasileiros não se considerarem racistas, quando na verdade o são. Em muitas ocasiões a população brasileira encara o racismo como um caso isolado, ou

ainda, acreditam que vivemos em uma democracia racial, o que não é verdade. Historicamente as mídias de massa, em especial a impressa e a eletrônica, como a televisão, tendem a representar a pessoa negra como o pobre, coitado, favelado, bandido, hipersexualizado e as mulheres negras em telenovelas nacionais histórica e majoritariamente interpretam o papel de empregadas, escravas ou “gostasas”. O objetivo do grupo foi explorar as diferentes ferramentas digitais disponíveis, e, também, a partir de conhecimentos adquiridos ao longo do curso e dos que foram desenvolvidos no processo de pesquisa e elaboração do relatório científico, produzir e distribuir conteúdo que tivesse o potencial de transformação ou mesmo de contribuição para a formação de cidadãos mais sensíveis, solidários e atentos à diversidade. Para isso foi necessário entender conceitos, como por exemplo, a representatividade da mulher negra, lugar de fala, identidade, racismo, empoderamento feminino, feminismo negro e violência contra a mulher, desenvolvimento infantil e consumo. Afinal, a proposta foi usar os meios de comunicação para acrescentar positivamente e, como futuros profissionais da comunicação, há a responsabilidade de exercer o papel de comunicador da melhor maneira possível, sem burlar leis e sem causar qualquer tipo de dano ou desrespeito às pessoas e às suas culturas. O processo de construção do programa mostrou à Manuela, a apresentadora, histórias de mulheres negras que ela antes não conhecia, ou sabia muito pouco, nas quais, agora, ela pode se inspirar. Ao ler os roteiros, observar as figuras das heroínas nos pôsteres do cenário e conversar com as convidadas, Manuela demonstrou interesse em se aprofundar mais em cada história e conceito, nos questionando e nos pedindo para contar mais detalhes. Portanto, o resultado deste Trabalho de Conclusão de Curso é a de que nós, enquanto futuros comunicadores devemos questionar a inexistência e a falta de representatividade não só nas mídias, mas também em profissões de grande reconhecimento e até mesmo nas faculdades. É nosso dever colocar em pauta e dar voz as essas mulheres negras, permitindo-as estar na tela sendo vistas por um público diverso, falando de suas vidas e experiências pessoais trazendo em evidência suas particularidades e dificuldades. O propósito maior foi não perder a sensibilidade e empatia, afinal, é preciso nos colocar no lugar do outro de maneira humanitária, ficando claro que o racismo é um problema de todos, e por este motivo deve ser debatido com intuito de romper com ideias preconceituosas e discriminatórias.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Chimamanda Adichie: **O perigo da história única**. TEDGlobal, 2009. Disponível em:
<https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br> Acesso em: 20 nov. 2018.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015. 64 p.
- CETIC. **TIC Kids Online Brasil 2016**: Pesquisa Sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil. 2016. Disponível em:
<https://cetic.br/media/analises/tic_kids_online_brasil_2016_coletiva_de_imprensa.pdf> . Acesso em: 26 mar. 2018.
- CORRÊA, Mariza. **Sobre a invenção da mulata**. Cadernos Pagu, São Paulo, n. 6-7, p. 35-50, 1996. Disponível em:
<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1860>> . Acesso em: 11 mar. 2018.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. 4 ed. São Paulo: Pensamento, 1995.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 26, p. 13-71. Disponível em: < <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123>> . Acesso em: 22 abr. 2018. 56
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.
- GOMES, Mariana Selister. **Marketing Turístico e a Violência contra as mulheres: (dês) (re) construções do Brasil como um Paraíso de Mulatas**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, 2009, 130 p.
- HALL, Stuart. **Cultural identity and diaspora**. In: RUTHERFORD (Org.). Identity: community, culture and difference. London: Lawrence & Wishart, 1990. p. 222-237.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. _____.
Introdução. In: _____. Cultura e Representação. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016. p.9-13.
- INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Violência e Racismo**. In: Dossiê Violência Contra as Mulheres. 2016. Disponível em:
<<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-eracismo/>>. Acesso em 15 mai. 2018.
- ITUASSU, A. Apresentação. Hall, comunicação e política do real. IN: HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016. p.9-13.
- KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. 2. ed. Münster: Unrast Verlag, 2010. Disponível em:
<https://schwarzemilch.files.wordpress.com/2012/05/kilomba-grada_2010_plantation-memories.pdf> Acesso em: 06 mai. 2018.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 128 p.
- PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** 1. ed. Belo Horizonte: Letramento: 2017. Coleção Feminismos Plurais.

-
- RIBEIRO, Djamila. **Estrangeira no próprio país**. Carta Capital, 06 nov. 2017. Disponível em: ><https://www.cartacapital.com.br/revista/977/estrangeira-no-proprio-pais>> Acesso em: 26 nov. 2018.
- RAMOS, Sílvia. **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro. Pallas. 2002.
- SOARES, Elza. A Carne. Do Cócix até o Pescoço. 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>> . Acesso em: 22. abr. 2018.
- SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015 – Homicídio de Mulheres no Brasil**. Flacso-BR, Rio de Janeiro, jun. 2015. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf> . Acesso em: 04 abr. 2018.